

**Papa Francisco publica *'Desiderio desideravi'*:
*"Uma celebração que não evangeliza não é autêntica"***



missa em latim

**“A revolução litúrgica de Francisco
acaba com as missas tradicionalistas
e restabelece a reforma conciliar
em toda a Igreja de rito romano”**

“Não vejo como se pode dizer que a validade do Concílio seja reconhecida – embora me surpreenda um pouco que um católico possa presumir não fazê-lo – e não aceitar a reforma litúrgica nascida da *Sacrosanctum Concilium*”.

“A não aceitação da reforma, bem como uma compreensão superficial dela, nos desvia da tarefa de encontrar as respostas para a pergunta que repito: como crescer na capacidade de viver plenamente a ação litúrgica? continuamos nos perguntando o que acontece diante de nossos olhos na celebração? Precisamos de uma formação litúrgica séria e vital”

"Abandonemos as polémicas para ouvirmos juntos o que o Espírito diz à Igreja, preservemos a comunhão, continuemos a nos maravilhar com a beleza da liturgia"

A arte de celebrar, adverte o Papa, não se aprende "porque se frequenta um curso de oratória ou técnicas de comunicação persuasiva", mas exige "uma dedicação diligente à celebração, deixando que a própria celebração nos transmita a sua arte".

“Não podemos voltar àquela forma ritual que os Padres Conciliares, *cum Petro e sub Petro*, sentiram necessidade de reformar, aprovando, sob a orientação do Espírito e segundo a sua consciência de pastores, os princípios dos quais nasceu a reforma. "O Papa Francisco 'consagra', em uma nova Carta Apostólica 'Desiderio desideravi' (*'Ele ansiava pelo desejo'*), a **reforma litúrgica** que ele já apontava em *'Tradições Custódios': fim da missa em latim, de costas para as pessoas.*

Diante disso, e unindo-se "aos santos Pontífices Paulo VI e João Paulo II", que "garantiram a fidelidade da reforma ao Concílio", o Papa expressa a necessidade de que "a Igreja levante, na variedade das línguas, um frase única e idêntica capaz de exprimir a sua unidade". **“Esta unidade que, como já**

escrevi, pretendo ver restaurada em toda a Igreja de Rito Romano”, sustenta, num texto que certamente desencadeará a ira de setores tradicionalistas.

A validade do Conselho não pode ser negada

“Seria banal ler as tensões, infelizmente presentes em torno da celebração, como uma simples divergência entre diferentes sensibilidades sobre uma forma ritual”, escreve o Pontífice. **“O problema é sobretudo eclesiológico.** Não vejo como se pode dizer que se reconhece a validade do Concílio – embora me surpreenda um pouco que um católico possa presumir não fazê-lo – e não aceitar a reforma litúrgica nascido do *Sacrosanctum Concilium*".

"Por esta razão - como já explicado em *Traditionis Custodes* -

senti-me no dever de afirmar que "os livros litúrgicos promulgados pelos Santos Pontífices Paulo VI e João Paulo II, de acordo com os decretos do Concílio Vaticano II, como **única expressão da *lex orandi do Rito Romano***", esclarece o Papa. Por precaução, mais esclarecimentos: "A não aceitação da reforma, bem como uma compreensão superficial da mesma, nos desvia da tarefa de encontrar as respostas para a pergunta que repito: como podemos crescer na capacidade de viver a ação litúrgica? Como podemos continuar a nos surpreender com o que acontece **diante de nossos olhos na celebração?** Precisamos de uma formação litúrgica séria e vital".



Aproximar o Povo de Deus da Liturgia e a Liturgia do Povo de Deus

A nova carta, dirigida aos bispos e sacerdotes, mas também ao povo de Deus, porque os não-celebrantes também são protagonistas da liturgia, como foram os primeiros discípulos, deixa clara uma ideia: **"Uma celebração que não evangeliza não é autêntica,** como não é um anúncio que não conduza ao encontro com o Ressuscitado na celebração: ambos, pois, sem o testemunho da carida-

de, são como um metal que ressoa ou um címbalo que atordoia".

Algo que, lamenta o Papa, pôde verificar nas suas contínuas visitas às comunidades, onde "o modo de viver a celebração está condicionado - para o bem, e infelizmente também para o mal - pela forma como o seu pároco preside ao conjunto".

"Lista de atitudes" a evitar

Assim, Francisco resume vários 'modelos' de presidência. Ele ainda faz uma "lista de possíveis atitudes" que "caracterizam a presidência de uma forma certamente inadequada". São eles: "rigidez austera ou criatividade exagerada; misticismo espiritualizante ou funcionalismo prático; pressa precipitada ou lentidão acentuada; descuido desalinhado ou refinamento excessivo; afabilidade superabundante ou impassividade hierática".

Todos eles têm uma raiz comum, aponta Bergoglio: "um **personalismo exagerado no estilo celebrativo** que, às vezes, expressa uma mania mal disfarçada de protagonismo. Isso geralmente é mais evidente quando nossas **celebrações são transmitidas online, o que nem sempre é oportuno e é claro que** essas não são as atitudes mais difundidas, mas as assembleias são frequentemente objeto desses "maus-tratos".

Ao longo **de 18 páginas e 65 pontos,** o Papa desvenda uma meditação sobre a beleza da celebração litúrgica e seu papel na evangelização. Com uma ideia cla-

ra, que se reflete no último ponto: "Abandonemos as polêmicas para ouvirmos juntos o que o Espírito diz à Igreja, preservemos a comunhão, continuemos a nos maravilhar com a beleza da liturgia".

"Precisamos estar presentes"

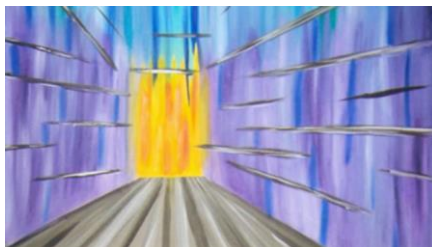
Uma liturgia que " **não é uma vaga lembrança da Última Ceia**", mas "precisamos estar presentes", sem desfigurar seu sentido "por uma compreensão superficial e redutora de seu valor ou, pior ainda, por sua instrumentalização a serviço da alguma ideologia de visão, seja ela qual for.

Redescobrir a beleza da liturgia, acrescenta Bergoglio, "não é a busca de um esteticismo ritual que se deleita apenas em cuidar da formalidade externa de um rito ou se satisfaz com uma escrupulosa observância de assinatura", embora "**devemos cuidar todos os aspectos da celebração** (espaço, tempo, gestos, palavras, objetos, ornamentos, cantos, música,...) isto é, o mistério pascal celebrado na forma ritual estabelecida pela Igreja".

Apesar de tudo, "isso não é suficiente", acrescenta o Papa. "**Se não houver admiração pelo mistério pascal**" presente "na concretude dos sinais sacramentais, corremos o risco de sermos verdadeiramente impermeáveis ao oceano de graça que inunda cada celebração".

Educar na compreensão dos símbolos

É importante, continua explicando o Papa, **educar na compreensão dos símbolos**, que se torna cada vez mais difícil para o homem moderno. Uma forma de fazê-lo "é, sem dúvida, cuidar da arte da celebração", que "não pode ser reduzida à mera observância de um dispositivo de assinatura, nem pode ser pensada como criatividade imaginativa -às vezes selvagem-sem regras". **O rito é em si uma norma** e a norma nunca é um fim em si mesma, mas está sempre a serviço da realidade superior que ela quer guardar".



O mistério de Deus

A arte de celebrar, adverte o Papa, não se aprende "porque se frequenta um curso de oratória ou técnicas de comunicação persuasiva", mas exige "uma dedicação diligente à celebração, deixando que a própria celebração nos transmita a sua arte". E "entre os gestos rituais típicos de toda a assembleia, o silêncio ocupa um lugar de absoluta importância", que "move ao arrependimento e ao desejo de conversão; desperta o desejo de conversão".

JESÚS BASTANTE

Eucaristia, serviço aos irmãos

No lava-pés, naquele curvar-se de **Jesus**, naquele gesto do escravo perante os irmãos, Jesus disse palavras que ressoam até hoje para nós: "**Entenderam o que eu fiz?**", entenderam que o partir o pão e o beber do cálice é serviço aos irmãos, serviço quotidiano assumido como estilo, o estilo do Senhor e do Mestre?

A opinião é do monge e teólogo italiano **ENZO BIANCHI**, em artigo publicado na revista italiana **Jesus**, de julho de 2011.

Já expressamos nestas colunas o nosso sofrimento pela liturgia que deveria ser um lugar de comunhão e se tornou um lugar de conflito na Igreja, mas justamente porque acreditamos que a eucaristia é o maior dom que o Senhor Jesus nos deixou, ainda queremos ouvi-la e deixarmo-nos instruir pelo seu magistério silencioso mas

eloquente.

Em quase todas as comunidades católicas, a eucaristia é celebrada diariamente. Nos dias de semana, poucas pessoas participam dela: normalmente, são mulheres e idosas – elas também cada vez menos –, poucos homens, praticamente ausentes os jovens. Alguém poderá lamentar que elas são celebradas de um modo muito quotidiano, que não têm a riqueza do canto ou da festa, sem uma beleza capaz de maravilhar, que não se impõem e não atraem espectadores...

Porém, se celebradas seriamente e com consciência, serão "humildes" eucaristias, mas sempre com a verdade de "ceias do Senhor". Sim, pobres e humildes celebrações, mas o critério para julgá-las não é a sua capacidade de "fascínio", mas sim se elas fazem ressoar naqueles que delas participam o "evangelho", a boa notícia da

morte e da ressurreição de Jesus Cristo, se são fonte de confiança para a vida, fonte de esperança para o futuro, fonte de amor fraterno na vida familiar e nos encontros, no tecido social onde os cristãos estão colocados, vivendo e trabalhando com os outros homens.

Sim, essa é a verdadeira questão que devemos fazer diante da eucaristia: a sua celebração determina algo na nossa vida, muda os nossos pensamentos e as nossas atitudes sempre tentados pela mundanidade, converte as nossas vidas?

Certamente, é muito importante, ou melhor, decisivo interessarmo-nos pelo "como" a eucaristia é celebrada, mas jamais devemos esquecer que tudo o que predispomos ou operamos para a celebração pode ter apenas um único fim: imergir-nos na dinâmica do mistério pascal, aquele evento que Jesus narrou com palavras e gestos sobre o pão e o vinho.

Recordemo-nos então que participar da eucaristia é, sobretudo, acolher o convite para a "*mesa do Senhor*" (1

Coríntios 10, 21): é o Senhor vivo que convida a nós, pobres e pecadores necessitados da sua misericórdia, enfermos sedentos de cura, fatigados e cansado em busca de repouso, humilhados e últimos que anseiam por ser reconhecidos e aceitos sem merecê-lo...

Todos dizemos: "*Senhor, eu não sou digno...*". Assim, o pão é dado a todos, ícone da partilha, inspiração e mandamento de partilha de todos os frutos da terra e do trabalho humano, para que não haja necessitados na comunidade em que vivemos (cf. Atos 4, 32).

Mas participar da Eucaristia significa também estar envolvido no sacrifício de um homem, o servo do Senhor, que consumiu e deu a sua vida pelos outros até acolher a morte violenta, a morte do justo num mundo injusto, a morte de escravo num mundo de senhores e poderosos, a morte de um homem de paz num mundo violento...

Não por acaso, segundo o **Evangelho de Lucas**, justamente no contexto da última ceia, depois da instituição da eucaristia, Jesus

disse: **"Mas entre vós não deve ser assim!"** (Lucas 22, 26), não comportem-se como ocorre todos os dias no mundo, não como todos fazem, não como é espontâneo fazer com base no instinto da preservação e da defesa de nós mesmos, até fazer com que prevaleça o amor por nós mesmos sem os outros e também contra os outros!

A eucaristia é o magistério do **"mas entre vós não deve ser assim!"**, da diferença cristã, porque ela quer nos moldar em homens e mulheres eucarísticos, isto é, capazes de viver e de consumir a vida ao serviço dos outros, amando os outros até o extremo, até o próprio inimigo: corpo despedaçado, sangue derramado, sacrifício de uma vida oferecida e consumida no amor autêntico dos irmãos.

E para que compreendêssemos que a eucaristia é isso – senão não é, mas se reduz a cena religiosa, suntuosidade e falsidade –, **Jesus** também confiou aos discípulos um gesto que a explica e a interpreta: **o lava-pés**. Naquele curvar-se de Jesus, naquele gesto do escravo perante os irmãos, Jesus disse palavras que ressoam até hoje para nós:

"Entenderam o que eu fiz?", entenderam que o partir o pão e o beber do cálice é **"serviço"** aos irmãos, serviço cotidiano assumido como estilo, o estilo do Senhor e do Mestre?

A eucaristia é isso! E se o é autenticamente, então só pode ser fonte de reconciliação, de comunhão, de amor fraterno. Se, ao contrário, ela é entendida e vivida apenas como celebração, rito, como uma ocasião de identidade e de filiação cultural e religiosa, se nela se busca a solenidade como espetáculo que seduz e deslumbra, então, infelizmente, é verdade que nós nos dividimos e, diante da eucaristia, entramos em conflito uns com os outros...

Mas o que celebramos não é mais a eucaristia de Jesus, a ceia do Senhor (cf. 1 Coríntios 11, 21)! Não se pode respeitar o corpo de Cristo, fixando-o no pão e no vinho, e depois não reconhecer o corpo de Cristo que é a comunidade, a igreja, conjunto de enfermos, pobres e pecadores que buscam encontrar sentido nas suas vidas para poder pregar a salvação que vem do Senhor!

A Última Ceia

Trouxe as palavras e colocou-as sobre a mesa.

Trouxe-as dentro das mãos fechadas (alguns disseram que apenas escondia as feridas do silêncio).

Pousou-as na mesa e começou a abri-las devagar, tão devagar como passa o tempo quando o tempo não passa. E depois distribuiu-as pelos outros, multiplicou-se em dedos, em palavras (alguém disse que chegariam a todos, ultrapassariam os séculos e teriam a duração do tempo quando o tempo perdura).

Ceou com todos pão que não levedara e vinho áspero das videiras magras do monte que os ventos dizimavam. Quando se ergueu, havia ainda palavras sobre a mesa, coisas por dizer no resto do pão que alguém deixara, feridas fundas nas mãos que fechou em silêncio e devagar.

Maria do Rosário Pedreira.

Editora, escritora, poetisa e letrista portuguesa.